



## **Lançamento do livro “Reflexões em tempos de Pandemia - Discurso Lisboa**

**A presente pandemia provocou uma profunda crise que, não poupando nada nem ninguém, desde o simples indivíduo, até à sociedade entendida como o conjunto complexo dos cidadãos que a compõem, passando pelas famílias, pelas empresas e pelas instituições que prestam cuidados de saúde, logo, não só por quem as gere e administra, mas sobretudo por quem nelas exerce a sua profissão, e, mais ainda, tanto pelos que aí foram tratados, como por todos os que o deveriam ter sido também, mas disso se viram impedidos, pois a logística existente para tal foi largamente ultrapassada pelas constantes e magnânimas solicitações, expôs, tal como muitos afirmaram e eu convictamente corroboro, em simultâneo, o melhor e o pior de cada um daquelas entidades ou personalidades.**

**Não pretendo, com esta iniciativa, de todo, fazer apenas balanços ou acusações precipitadas que seriam, como deixei subentendido no texto intitulado “Incertezas e Indecisões” que integra a obra que aqui irá ser apresentada daqui a pouco pelos autores, respetivamente, do Prefácio, e, do Posfácio, Viriato Soromenho Marques, um distinto professor de filosofia, e, José Fragata, um reconhecidíssimo médico e cirurgião cardíaco, não só, redutoras, mas igualmente desconformes com os seus objetivos primordiais, que foram: Em primeiro lugar, o de exaltar o valor incomensurável do relacionamento humano na prática clínica; depois, o de demonstrar que a reflexão e a escrita, atividades para mim, iminentemente solitárias na sua génese, foram poderosos instrumentos**

para a eficaz luta pelo equilíbrio emocional interior contra o nefasto efeito do avassalador *burnout* que me (nos) assaltou de súbito; finalmente, porque a partilha das duas anteriores premissas se me afigurou, num dos dias em que fui fazer uma das muitas visitas ao doente que acabou sendo o personagem principal deste livro, a consequência lógica e necessária desse processo, de modo a dar corpo aquilo que se iria provavelmente perder no infernal labirinto do muito que diariamente foi sendo dito e escrito a propósito desta doença.

Alguns dos textos foram “Cartas Abertas” à atual Ministra da Saúde do Governo ainda em funções, no intuito de expor tudo o que me ia parecendo ser mais adequado para fazer frente a este cataclismo sanitário, social e psicológico com maior eficácia, mas sem nunca assumir uma posição de arrogante infalibilidade, pois esta iniciativa foi, acima de tudo, um meio que me pareceu adequado para exorcizar as angustiantes dúvidas que pairaram ameaçadoramente nos momentos mais críticos do curso desta inoportuna infeção que se espalhou rapidamente por todos os países e continentes. O que, não implica, de modo nenhum, que não assuma na íntegra as críticas que fui fazendo com ponderação, coerência e coragem, e, ainda, que não lamente não ter visto aplicadas em tempo útil algumas das medidas que o deveriam ter sido antes, tal como atempadamente, tanto eu como o Grupo de Crise da OM que integrei de início, insistentemente fomos anunciando, como consta, entre outros, no texto intitulado “*A história julgará quem se absteve ou ignorou*”.

Gustavo Carona, um médico intensivista que exerce num dos hospitais portugueses mais fustigados pela presente pandemia, embora habituado aos cenários dantescos onde já exerceu medicina humanitária nalguns dos países mais pobres do nosso planeta, afirmou, contundentemente, no seu último livro, intitulado “*Diário de um médico no combate à pandemia*”, que esta foi “*a missão mais difícil da minha vida*”, ao passo que, Daniel Sampaio, na sua publicação mais recente, intitulada “*COVID 19, relato de um sobrevivente*” que “*sei que saio diferente, mais envelhecido e sedento da minha juventude agora mais perdida. Mais velho, mas talvez mais humano*”.

Se, no primeiro caso, se trata da visão do médico enquanto profissional, imbuído da missão de tratar os seus doentes no limiar entre a vida e a morte, no segundo, podemos ter a visão complementar do doente, por

coincidência também médico, perante a angustiante incerteza do desfecho final da enfermidade que o atingiu e da sua experiência enquanto objeto da atenção dos profissionais de saúde que dele se ocuparam. Leituras obrigatórias para quem quer verdadeiramente entender o fenómeno que também foi objeto da minha análise.

Contudo, no meu caso, para além de não me cingir a fazer um diário daquilo com que me fui confrontando ao longo destes quase dois anos, aproveitei para dissertar também sobre alguns aspetos que reputo de candentes no exercício da atividade clínica e dos seus fundamentos éticos, servindo-me sempre do relato de casos clínicos concretos, porque é de pessoas que sofreram, das que sobreviveram ou das que morreram, que importa verdadeiramente falar. A que decidi juntar a abordagem de outras vertentes da minha própria vivência enquanto homem, cidadão, esposo, pai, avô, filho e amigo, traços de personalidade e experiências de vida que visam dar ao leitor uma imagem global mais inteligível de quem é, afinal, o seu verdadeiro autor. Porque, na minha opinião, à imprescindível pluridimensionalidade da Medicina, tem necessariamente de corresponder a intrínseca pluridimensionalidade do Médico que a exerce.

A terminar, parafraseando o colega Daniel Sampaio, *“também eu me tornei certamente mais Humano depois desta experiência”*. Em consonância, um simples desejo a culminar: *“que o exercício da medicina no nosso País passe a sê-lo também, possibilitando não só a sã transmissão dos saberes e da experiência às novas gerações, mas também através da imperiosa dignificação da profissão de médico e da substancial melhoria das condições de exercício profissional”*, porque sinto que tenho vindo a constatar a sua progressiva degradação a um nível que considero ser insustentável prolongar por muito mais tempo daqui em diante, o que torna a resolução deste problema num verdadeiro imperativo de consciência para quem, como eu e muitos dos aqui presentes lutaram um vida inteira, espero que não em vão. Este livro poderá e deverá ser entendido, deste modo, como um grito de alerta em prol de tal nobre desígnio. É com este sentir a Medicina que resolvi dedicar este livro à minha filha Joana, aqui presente, agradecendo a todos os meus colegas que dela diligentemente se ocuparam durante os dois infindáveis meses em que me vi confrontado todos os dias com o seu enorme sofrimento

enquanto o acabava de escrever. E esta é uma mensagem que perdurará para todo o sempre na nossa memória.

*Lisboa, 2021/11/05, José MD Poças*